

OS MEDOS ESCATOLÓGICOS: A REPRESENTAÇÃO DO DEMÔNIO E OS SEUS AGENTES NO IMAGINÁRIO MEDIEVAL*

Ariovaldo Padovani**

E-mail: ariovaldopadovani@hotmail.com

Resumo: O objetivo deste artigo é fazer uma reflexão sobre os principais agentes do Diabo no imaginário medieval: muçulmanos, hereges, judeus e principalmente as mulheres, traçando o perfil destes e o surgimento de suas representações, refletindo sobre o contexto de pavor que tomou conta da Cristandade Européia: atormentada e rodeada por catástrofes, rupturas e crises que fizeram medrar os mais diversos medos. É imerso nesta conjuntura que o imaginário medieval coletivo, construiu o ambiente de terror propiciou ao florescimento da figura histórica do Demônio.

Palavras-chave: Imaginário, representação do diabo, agentes demoníacos.

Durante os séculos XIV e XV, observamos uma verdadeira explosão de medos dentro de uma Europa marcada por crises. Considerado pela historiografia como períodos de grande exacerbação sócio-espiritual os medievos desta época vivenciaram um renascimento de inumeráveis angústias, criando uma verdadeira atmosfera dominada pelo pânico. Assim, a contínua emergência de pestes, em especial a Peste Negra (1348); a interminável Guerra dos Cem Anos; o avanço turco; o Grande Cisma¹ – “escândalo dos escândalos”; o surgimento e consolidação de novas heresias; a decadência moral do papado; a secessão protestante com Lutero; massacres e guerras levaram os homens destas épocas a procurarem uma explicação, sobretudo teológica, que pudesse justificar as causas de tantas calamidades e desgraças. Frente a isto,

* Este artigo é um fragmento, com algumas modificações, de um tópico da minha monografia de final de curso, intitulada: *O maléfico Malleus Maleficarum e as bruxas: aspectos do imaginário medieval*, apresentada ao departamento de História da Universidade Federal de Goiás. A pesquisa contou com a orientação da professora Dr^a. Dulce Oliveira Amarantes dos Santos. Gostaria de agradecer à professora Keila Maria de Faria as sugestões e a revisão deste artigo.

** Bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal de Goiás, atualmente cursando pós-graduação em Educação Ambiental no IESA (Instituto de Estudos Sócio-Ambientais) da UFG.

¹ Divisão do papado derivada do conflito de interesses entre o papa Bonifácio VIII e Felipe, o Belo, rei da França. O Papa exigia para a Igreja o direito de não pagar impostos e a supremacia sobre o poder real. O conflito acabou levando à prisão e morte do papa e à transferência do papado para Avignon, no sul da França, em 1309, perdendo o Papa o sonho do domínio temporal sobre a Cristandade. A partir de 1377/8 passaram a existir dois Papas, um em Avignon e outro em Roma, situação que só terminaria em 1417/8 com a realização do Concílio de Constância.

desembocamos no surgimento de um verdadeiro temor em relação aos derradeiros tempos, e uma releitura milenarista² das diferentes profecias apocalípticas.

Estas novas leituras apocalípticas, sobretudo apoiadas nos evangelhos e no próprio *Apocalipse*, levou a população medieval a dividirem-se em duas grandes visões escatológicas – uma positiva e uma mais pessimista. Certamente, este Juízo Final colocava definitivamente os eleitos no paraíso; porém quem poderia dizer com antecedência que estaria entre as ovelhas à direita do Soberano Juiz? Este se mostrará duro e severo no último dia da humanidade, um *dies irae*³. Estas divergências espirituais deram-se em função de interpretações subjetivas da Bíblia, realizadas por letrados, teólogos e reformadores protestantes⁴. Todavia, não interessa à nossa análise o debate de tal divergência de interpretações, mas sim, a figura histórica que dele “renascerá”: o **Anticristo**.⁵

O medo escatológico⁶ do fim do mundo, somado ao contexto histórico já mencionado, promoveu simultaneamente a figura horrenda do Anticristo na Cristandade Ocidental. Múltiplos meios corroboraram para sua divulgação, destacando-se os pregadores itinerantes que viajavam de uma cidade a outra, promovendo uma série completa de sermões; até o fundamental papel desempenhado pelo teatro religioso, a imprensa e as gravuras. Jean Delumeau (1989, p. 217) afirma que o teatro religioso contribuiu por seu lado para difundir o temor do Anticristo e do Juízo Final, na medida em que suas representações tinham lugar de destaque diante de multidões consideráveis, ponderando que através da linguagem cênica tal representação alcançava um grande número de analfabetos, condição muito comum entre a maioria da população. Paralelo as encenações teatrais, as gravuras desempenharam o mesmo impacto de temor e pavor no imaginário medieval, frente a imagem do Demônio, construída por esses meios. Tais

² Milenarismo: crença no início iminente de um longo período (mil anos) de paz e fartura, constituindo um “Paraíso terrestre”; fase esta que seria inaugurada com a segunda vinda de Jesus Cristo, precedendo assim, o Juízo Final.

³ Dia de ira.

⁴ Dentre eles, homens como Trithemius, Savonarola, Saint Vicent Ferrier, Manfredo de Vercelli, Dürer, o Reformador Lutero, encarregaram-se deste debate. Acerca deste debate e de seus principais representantes (cf. DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300 – 1800, uma cidade sitiada*).

⁵ A origem deste termo possivelmente teve seu modelo em *Antiochus IV Epiphanes*, o rei selêucida da Síria, que capturou Jerusalém em 168 a.C., massacrando e escravizando muitos de seus habitantes.

⁶ Escatologia: doutrina relativa ao destino último do homem e do universo. No Cristianismo, é a doutrina do final dos tempos: Juízo Final, fim do mundo, Céu e Inferno. As expectativas e especulações sobre esse fato explicam a imensa atenção medieval dada ao livro bíblico do *Apocalipse* (literalmente “revelação”), que profeticamente descreve aquele momento.

instrumentos (teatro religioso, gravuras) foram fundamentais na elaboração de uma série de imagens do Anticristo e do Juízo Final que permearam o imaginário medieval⁷.

Deste modo, o florescimento de uma Renascença ao longo dos séculos XIV e XV foi acompanhado ao mesmo tempo de um inacreditável medo do Demônio. Esta Renascença herdava seguramente conceitos e imagens demoníacas que haviam se fundido e se multiplicado no decorrer da Idade Média, porém conferiram-lhes uma coerência, um relevo e uma difusão jamais atingidos anteriormente.

No entanto, antes de adentrarmos o fosso infernal do Demônio Medieval, convém delimitarmos sua origem e sua importância para a humanidade ocidental. Sendo fenômeno de caráter essencialmente histórico, a compreensão da construção da figura do Demônio nos conduz indubitavelmente à tradição religiosa hebraica, NOGUEIRA (1986) informa-nos que foi esta religiosidade que imprimiu nas consciências posteriores o arquétipo do Grande Inimigo, constituído através da evolução histórica. Este povo cuja formação se originou das tribos existentes na antiga Mesopotâmia, acabou por herdar as crenças religiosas e para-religiosas estreitamente ligadas ao conjunto de mitos e práticas hieráticas existentes naquela região.

A princípio os hebreus não possuíam um deus que representava o Mal, sendo *Jahveh* um deus tribal superior aos outros deuses das populações vizinhas. Porém, a medida que caminhamos para um monoteísmo de caráter absoluto, temos o delineamento do Demônio como entidade real. As repetidas guerras que compuseram o processo expansionista dos povos da Antiguidade acabaram refletindo no universo religioso hebraico, provocando a assimilação dos deuses dos inimigos às entidades malignas. O povo hebreu, não fugindo a este processo, acabou por receber influências religiosas de outros povos, e sua história política fundiu-se à sua história religiosa.

O sistema religioso hebraico inicialmente não possuía uma entidade maligna delineada, como nos comprova o Antigo Testamento. A partir do século VI a.C. com o advento do Cativo da Babilônia temos decisivamente a formação de uma hierarquia demoníaca. Nesse período, reavivaram-se antigas crenças tribais que foram somadas a

⁷ Dentro deste contexto sobressaem-se publicações como a *Art de bien vivre et de bien mourir* de Antoine Vêrard e a *Vida do Anticristo* de santa Brígida da Suécia. Para um melhor aprofundamento das obras publicadas neste período sobre o referido tema, ver o capítulo “A Espera de Deus” na obra supracitada. O tema iconográfico tem em Dürer o seu principal expoente, tornando-se famosos em toda a Europa os seus *Apocalipses*.

uma riquíssima demonologia⁸ legada pelos mesopotâmios⁹. O contato com os caldeus igualmente teve sua influência na formação de uma demonologia hebraica, como podemos observar no próprio nome de *Lúcifer* – o astro da manhã, o filho da aurora, a estrela de Vênus, associado ao próprio rei da Caldéia.

Assim, contínuos contatos com outros povos inimigos, promoveram o contorno de uma verdadeira “corte demoníaca”¹⁰. Contudo, a influência de maior destaque para a formação desta demonologia hebraica foi o masdeísmo persa. A doutrina de Zoroastro baseava-se num conflito dos princípios gêmeos do Bem e do Mal, *Spenta Mainyu* (o Espírito Benfazejo), identificado com o criador *Ahura Mazda*, e *Angra Mainyu* (o Espírito Destruidor). A influência masdeísta propiciou o pano de fundo dualista que, reforçado no período helenístico pela doutrina neoplatônica¹¹, promoveu a imagem de Satã onipresente e poderoso tão vívido no imaginário do medievo. Destarte, no início da Idade Média o universo religioso passa então a ser dividido entre dois reinos, o de Cristo e o do Demônio. Se *a priori*¹² sua representação não era revestida por um aspecto “malévolo”, em compensação, no século XIV, o diabólico reveste-se de toda crueldade e malevolência. O grande marco da passagem simbólica de uma representação à outra é a obra de Dante Alighieri - *A Divina Comédia*. Este peregrino, já às portas infernais percebe o difícil e cruel caminho que terá que percorrer, avistando em letreiro escuro o seguinte aviso:

“Por mim se vai à cidade das dores; por mim se vai à ininterrupta dor; por mim se vai à gente condenada. Foi Justiça que inspirou o meu Autor; fui feito por Poderes Divinais, Suma sapiência e Supremo Amor. Antes de mim, havia apenas coisas eternas, e eu, eterno, perduto. Abandonai toda a esperança, ó vós que entraís!” (ALIGHIERI, 2003, p. 17).¹³

⁸ Demonologia: estudo dos Demônios, sua organização e dos poderes e atributos que correspondem a cada entidade maléfica, bem como as suas relações com os homens.

⁹ Um exemplo disto são as lendas do Demônio do deserto – *Azazel* (*aziz* = “força” e *El* = “deus”), e as de *Lilith* – a primeira mulher de Adão, posteriormente Demônio da luxúria.

¹⁰ Nomes como Belzebu (*Beelzebub*) o deus filisteu de Ekron, *Baal-Zeboud*, foi assimilado pelos judeus da era cristã, ao príncipe dos Demônios (*arkhôn tôn daimoniôn*). Astaroth (*Ashtoreth*) a deusa lunar cultuada na Mesopotâmia com o nome de *Ishtar*; e Asmodeu (*aeshma deva*) divindade persa da tempestade que representa, na lenda de Salomão, o papel de rei dos Demônios e, em outras caracterizações, converte-se no Demônio da lascívia (cf. NOGUEIRA, 1986, p. 10).

¹¹ Neoplatonismo: considerado o último dos grandes sistemas filosóficos da Antiguidade Clássica. Partindo do pensamento platônico, assimila as idéias de outras escolas e incorpora elementos místicos de procedência oriental.

¹² Latim: A partir do que vem antes. No início.

¹³ A obra que estamos utilizando trata-se de uma transliteração em prosa, uma vez que o original de Dante é em versos. Ver: ALIGHIERI, Dante. Tradução de Fábio M. Alberti. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 2003.

Tal aviso anuncia previamente todos os tormentos que infligiria àqueles que adentrassem os portais lúgubres. Após sua longa e difícil jornada o poeta encontra Lúcifer – imperador do reino doloroso – no nono círculo do Inferno. Dante descreve esta figura demoníaca como algo gigantesco e monstruoso, chegando a ficar privado dos sentidos de “vida e morte” ao vê-lo:

“O imperador do reino doloroso erguia o peito para fora da geleira. Eu, com minha estatura, mais próximo estou de um gigante do que um gigante comparado com o braço, apenas de Lúcifer. (...). Se um dia foi belo, quanto é hoje horrendo; se contra seu Criador alçou a fronte, bem entendo que seja ele a fonte única do mal que o mundo chora. Ah! Qual não foi minha estupefação ao aperceber-me de que de três faces era a sua cabeça.(....) Sob cada face, duas asas vastas, (....), não tinha penas, e mais lembravam pela forma as asas dos morcegos ” (ALIGHIERI, 2003, p. 142).

Não é preciso sublinhar o impacto que tais descrições fizeram repercutir no imaginário da coletividade medieval, uma vez que, as próprias descrições nos trazem imagens¹⁴ horríveis do que era o Inferno e o Demônio¹⁵.

O inimigo da humanidade estava solto no imaginário deste período, vagando por toda a parte, tentando e corrompendo, explorando cada fraqueza e desejo. Demônios entravam na mente dos homens e os deixavam loucos. Enxameavam como moscas em volta de leitos de morte, na tentativa de tomar posse das almas dos moribundos. “Todos os acontecimentos para os quais não havia explicação eram preferencialmente atribuídos a eles” (NOGUEIRA, 1986, p. 35). O mesmo ponto de vista é expresso pela historiadora Laura de Mello e Souza (1987), cuja opinião era que, Deus e o Demônio eram onipresentes e se justificavam mutuamente. O Demônio constituía um símbolo de complementaridade a Deus, não podendo um existir sem o outro, e suas principais representantes na terra eram às **mulheres**¹⁶. Além destas, o “príncipe deste mundo”¹⁷

¹⁴ A iconografia foi outro poderoso elemento que auxiliou na construção da figura diabólica e as representações das “tentações” tornaram-se comuns em toda a Europa. Bosch, Manyn, Huys, Breughel, lançaram mão dessa temática e suas imagens tiveram ampla parcela de contribuição na formação de novos medos.

¹⁵ O que foi dito anteriormente sobre o teatro religioso e a imprensa acerca da difusão das angústias apocalípticas, vale o mesmo aqui para a difusão do demoníaco: “sem dúvida, o teatro medieval representa muitas vezes o Diabo e seus acólitos. Mas jamais o demoníaco invadira a cena a esse ponto, superando mesmo amplamente os dramas de polêmica confessional” (Delumeau, 1989, p. 245).

¹⁶ O feminino sempre foi percebido com olhares de inferiorização em várias civilizações: na cultura hebraica a mulher é símbolo da decadência moral da humanidade. Eva foi a responsável pelo pecado original, foi por causa da mulher que ambos (Eva e Adão) foram expulsos do paraíso (*Gênesis*, 3, v. 1-24). Na mitologia grega a mulher é aquela que disseminou todo tipo de malignidade (peste, fome, miséria, maldade) pelo mundo, Pandora abriu a caixa e libertou tudo aquilo que havia dentro, exceto a esperança.

possuía também outros agentes: **os muçulmanos, os hereges, e os judeus**, e através deste séquito demoníaco *Vexilla Regis prodeunt Inferni*¹⁸. Desta forma, esses grupos simbolizavam aos olhos dos medievos, representantes ligados intrinsecamente ao Demônio, suas representações históricas trazem uma estreita vinculação ao Diabólico, subsidiando ao imaginário medieval elementos para a formação do que logo mais seria a Bruxaria demoníaca.

Um dos elementos apontados como insígnia das forças das trevas foi a figura do muçulmano. Em toda a Europa dos séculos XIV e XV verificou-se um medo constante do avanço muçulmano. A população em geral e, especialmente os homens da Igreja, vivenciaram um pavor percuciente em relação aos sucessos otomanos no continente europeu. A queda de Constantinopla em 1453 provocara indubitavelmente um choque psicológico no Ocidente Cristão. Sendo assim, à medida que se firmou no Mediterrâneo o domínio naval dos turcos e dos berberes, o pânico do perigo muçulmano aumentou progressivamente na Espanha e em localidades mediterrânicas. E autoridades reais e eclesiásticas sentiram-se verdadeiramente “sitiadas” por esses arautos do Diabo, percebendo a necessidade de combater ferrenhamente a inserção dos infiéis no mundo cristão.

Contudo, a relação da cristandade com os muçulmanos nem sempre fora intermediada pelo medo e violência, ocorrendo inclusive conversões de cristãos ao Islamismo. Tema pouco estudado pela historiografia oficial, essas conversões para o lado do “inimigo turco”, representou para as autoridades eclesiásticas uma ameaça maior que o “inimigo” propriamente dito, ou seja, a Cristandade perdia para o Islão seus fiéis. Frente a isto, veremos papas como Gregório XIII e Pio II alarmados com esta mudança de lado. Essa questão é importante por colocar-nos frente a seguinte pergunta: Por qual razão os cristãos abandonavam a fé Católica convertendo-se ao Islão? Para o historiador Fernand Braudel, esse processo de conversão ao Islamismo representou uma espécie de revolução social, uma vez que, numa sociedade senhorial rígida com os

No imaginário mítico dos gregos a mulher foi criada como um castigo aos homens, elaborada como um flagelo para infligir tormentos a tribo dos homens, portanto, a mulher é apenas um mal necessário à reprodução da espécie (cf. HESÍODO, *Teogonia*). Alguns autores antigos comparam a mulher com vários animais: a porca, a raposa, a cachorra, a mula, a doninha, a égua, a macaca, a abelha, a javalina, o cão, o zangão, depreciando o elemento feminino. Dentre esses autores estão respectivamente: Semônides de Amorgos, Focílides e Hesíodo (cf. FARIA, Keila Maria de, 2007).

¹⁷ Demônio, Diabo. O domínio terrestre foi entregue a ele (cf. *Lucas* 4, v. 6-7).

¹⁸ Latim: Avançam os estandartes do rei do Inferno.

camponeses, o regime otomano fora menos exigente e repressor com os novos “convertidos”. Esses camponeses encontraram melhores condições de vida ao lado do grande Sultão do que em seu antigo sistema social.

Ao adentrarmos no século XVI, o medo ao muçulmano ainda continuará vivo nos corações dos europeus, e homens como Lutero e Erasmo de Roterdã, não se cansavam de chamar a atenção para o perigo iminente. Segundo este último, os turcos representavam uma “raça bárbara, de uma obscura origem” (ERASMO *apud* DELUMEAU, 1986, p. 276) causa de tantas desgraças para os cristãos. Já o Reformador Martin Lutero, associava os turcos ora ao papa e ora ao próprio Demônio. Para ele existia um pacto entre uns e outros, um verdadeiro complô satânico que atacava o mundo cristão, e somente Deus poderia resguardá-lo dessa ameaça.

Juntamente com os muçulmanos temos também a presença dos hereges, como figura complementar do séqüito demoníaco. A história das diversas heresias¹⁹ remonta à Alta Idade Média, estando vinculada à própria formação e consolidação do Cristianismo como religião monoteísta. Por volta de 1022, o rei Roberto da França presidiu a primeira execução de heréticos com traços de Bruxaria na Idade Média, alegando que estes hereges acreditavam em doutrinas impregnadas de dualismo, chegando a prestarem culto ao Demônio.

Além deste estreito vínculo ao Demônio, os hereges de Orléans foram ainda acusados de realizar orgias sexuais noturnas num lugar secreto; num subterrâneo ou num edifício abandonado. Os membros do grupo compareciam carregando archotes e recitando os nomes de Demônios até surgir um espírito maléfico. Logo em seguida, os archotes eram então apagados e cada participante agarrava a pessoa que estivesse mais perto dele num amplexo sexual, fosse ela mãe, irmã ou freira. Além disso, estes hereges ainda foram acusados de acreditarem que quando imbuídos do Espírito Santo, tinham visões angelicais e eram transportados de um lugar para o outro sem intervalo de tempo.

¹⁹ Segundo definições de Hilário FRANCO JÚNIOR (2001), Heresia é literalmente uma “escolha”, quer dizer, interpretações e práticas religiosas contrárias àquelas oficialmente adotadas pela Igreja Católica. Devido ao grande poder e riqueza do segmento eclesiástico naquela época, as heresias medievais funcionaram muitas vezes como uma transferência de aspirações socioeconômicas para o plano espiritual. Para melhor compreensão da etimologia da palavra, consultar a fonte primária de Nicolau Eymerich. EYMERICH, Nicolau. *Directorium Inquisitorum*. Trad. De Maria José Lopes da Silva. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Brasília, DF: Fundação Universidade de Brasília, 1993.

Rendiam homenagem ao Demônio que aparecia na forma de um animal, de um anjo de luz ou de um homem negro²⁰.

O fenômeno da Bruxaria deve ser revisto em sua gênese a partir do século XII, na qual os primeiros bruxos eram adeptos de Valdo, hereges que cultuavam o Diabo (SALLMANN, 2000, p. 15), ou seja, os primeiros “bruxos” estariam vinculados à doutrina Valdense, fundada pelo rico comerciante Pedro Valdo ou Valdes de Lyons. Também chamados como Pobres de Lyons ou lioneses, por causa de sua origem, e *saibatate* ou *insaibatate*²¹, sendo excomungados pelo Concílio de Verona (1184). Os valdenses atuaram na França, Itália, territórios da Suíça, Áustria e Alemanha, pregando a pobreza evangélica, esses valdenses eram considerados uma verdadeira seita à serviço do Demônio pelas instituições eclesiásticas, sendo que para freqüentar a *vauderie* ou *sabat*, estes deveriam untar o corpo com um unguento especial e voarem até o local da reunião. Deste modo, segundo as asserções de Sallmann (2000), a origem do que seria conhecido como Bruxaria demoníaca estaria vinculada a esta forma de heresia, estando já pré-concebidas as características que revestiriam o que seria o *sabat* diabólico. Diversas iconografias circulam nestes períodos demonstrando esta estreita vinculação. Esta perseguição não se restringiu somente à heresia dos valdenses, abarcando também a dos albigenses ou cátaros, alastrando-se por toda a Europa dos séculos X ao XIII.

As fontes históricas relativas à heresia cátara são assaz reduzidas, como nos aponta o historiador José Antônio de C. R. de Souza (2001), consistindo-se basicamente num movimento religioso de cunho popular heterodoxo, originado em Albi, no sul da França. Sendo designados por albigenses, cátaros ou bogomilos, cada um apresentava especificações *sui generis*²², tendo como ponto fulcral teológico a crença num dualismo e na salvação mediante um conhecimento sobrenatural ou iluminação de cariz gnóstica. Assim, para FALBEL (1977, p. 53) os adeptos desta doutrina afirmavam que Deus, infinitamente bom e perfeito, não podia ser o criador de um mundo mau e corruptível.

²⁰ Segundo o historiador Jeffrey Burton Russell (1993) essas acusações quer fossem válidas ou não, propiciaram elementos essenciais para a idéia da Bruxaria demoníaca, e não é difícil observar o surgimento da idéia de “*sabat* diabólico”. Assim, nos séculos X ao XIII, com o aparecimento das heresias dos cátaros e dos valdenses, temos o ressurgimento das crenças em torno do Demônio e da Magia. E a medida que proliferam os tribunais da Inquisição em toda a Europa, os processos aumentam rapidamente. A Inquisição encarregou-se de sistematizar diversos manuais inquisitoriais para o julgamento e extirpação deste crime contra a fé Católica. Neste período, as idéias de heresia e Bruxaria caminharam à passos iguais, sendo consideradas crimes de lesa majestade humana e divina (SOUZA, 1982, p. 26).

²¹ Porque usavam tamancos de madeira, dedicando-se à pregação da palavra de Deus sem a autorização eclesiástica arvorando-se em juízes dos costumes do clero.

²² Latim: Peculiar, singular. Designa coisa ou qualidade que não apresenta analogia com nenhuma outra.

Portanto, o mundo da matéria seria a obra de um segundo deus, o deus do mal, que o criou para sobrepor-se ao deus bom. Utilizavam para seus cultos fundamentos do *Novo Testamento* e os livros sapienciais do *Antigo Testamento*, apresentando uma estrutura eclesial dividida entre crentes e perfeitos. Rejeitava também em sua orientação doutrinária o consumo da carne e dos bens materiais, por acharem ser coisas ligadas ao mundo maléfico.²³

Apercebendo-se desta conjuntura, a Igreja Católica lança um grito de guerra contra o inimigo herético, estruturando seus procedimentos judiciais para a perseguição, identificação, inquirição e condenação dos partícipes destas novas doutrinas. Nesse sentido, em 1215 o IV Concílio de Latrão já incitava os bispos a intensificarem a perseguição aos hereges, e por volta de 1233 temos esta reafirmação na bula *Vox in Rama* do papa Gregório IX, que disparou uma bateria de acusações e perseguições contra as *elisis*²⁴; delegando sua realização à recente Ordem Dominicana. Logo mais, em 1326 a bula *Super illis specula* de João XXII fecha este ciclo de perseguições, dando um caráter mais esquemático aos procedimentos inquisitoriais.

Um dos grandes marcos adicionados a esta conjuntura foi a publicação em 1376 do *Manual do Inquisidor (Directorium Inquisitorum)* de Nicolau Eymerich, propiciando um instrumental teórico para a perseguição aos heréticos. Desde então, desenvolveu-se intensamente na Europa uma tratadística²⁵, cuja função era extirpar estas manifestações de afastamento da verdadeira fé. Nesses tratados discutiam-se as possibilidades objetivas ou ilusórias do pacto demoníaco, retomando-se as grandes teses tomistas²⁶ da realidade dos fatos mágicos e, mais atrás ainda, a crença agostiniana²⁷ nos

²³ Para maior compreensão destas doutrinas heréticas, consultar o trabalho de Nachman Falbel. FALBEL, Nachman. *Heresias Medievais*. São Paulo: Perspectiva, 1977. 115 p.

²⁴ *elisis* – Latim: Heresia. Etimologia traçada por Santo Isidoro. Ver: EYMERICH, Nicolau. *Directorium Inquisitorum*. Trad. De Maria José Lopes da Silva. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Brasília, DF: Fundação Universidade de Brasília, 1993. p. 31-32.

²⁵ Tratadística: conjunto de tratados (obras), organizadas de forma sistemática. No texto, refere-se ao conjunto de tratados demonológicos e manuais inquisitoriais que proliferaram na Europa entre os séculos XV e XVII.

²⁶ Tese tomista: referente às obras de São Tomás de Aquino.

²⁷ Agostinho, Santo (354-430): Bispo de Hipona. Um dos quatro grandes Pais da Igreja latina. Tendo nascido em Tagaste de pai pagão e mãe cristã, Agostinho foi criado como cristão, mas não batizado. Em 385, porém, foi convertido ao Cristianismo por Santo Ambrósio e batizado no ano seguinte. Voltando ao norte da África, foi ordenado padre e, finalmente, bispo de Hipona em 395. Suas obras incluem as *Confissões*, onde relata sua própria conversão, vários sermões sobre os Evangelhos e *A Cidade de Deus* (413-26).

fatos ligados à magia. Assim, São Tomás de Aquino²⁸ representa neste período um marco *demonizador* no seio do pensamento cristão, assim sendo: “a fé católica afirma que os Demônios existem” (BAROJA *apud* SOUZA, 1987, p. 27).

Somado a este contexto outra figura histórica irá reforçar o pavor dos homens da Igreja em relação ao Demônio: o **judeu**. Embora a vinculação deste personagem ao diabólico, ocorra mais tardiamente em comparação às heresias, o judeu representou no imaginário medieval outro fator elementar à disseminação de todo o mal existente no seio da cristandade. Imersos em um contexto de medo e terror que via por todos os lados o Demônio, os judeus igualmente foram acusados dos mesmos delitos atribuídos, ora aos heréticos, ora às Bruxas. Sua problemática remonta a períodos anteriores ao século XI, na qual os judeus conviviam tranqüilamente dentro da Europa. Deste modo, no contexto de uma Idade Média que se revelava economicamente modesta, os judeus tiveram uma ampla atuação financeira dentro desta sociedade cristã, chegando inclusive a assumir em parte o comércio internacional durante o século XII. Em países como a Espanha e posteriormente a Polônia, o modo de vida israelita chegou a ser considerado invejável, assimilável por seu poder econômico a verdadeiras “esponjas de dinheiro” (DELUMEAU, 1989, p. 280). Este poder econômico, indubitavelmente fora utilizado por banqueiros e reis em dificuldades financeiras. Assim, o autor mencionado nos acrescenta que estes eram inclusive protegidos por títulos outorgados por nobres, falando a mesma língua que a população local e usando os mesmos trajes dos cristãos estando, portanto, quase totalmente integrados à comunidade local.

Todavia, a partir da ocorrência da primeira Cruzada, a situação dos israelitas se deteriorou no Ocidente. Após o IV Concílio de Latrão (1215), temos ordenações para que os judeus se vestissem com trajes diferenciados. Deste ponto em diante, os judeus seriam considerados usurários ferozes, sanguessugas dos pobres, envenenadores das águas bebidas pelos cristãos. Sua dinâmica econômica passara a representar um perigo à economia cristã: *concorrentes cruéis e diabólicos*. Para escapar à morte e às

²⁸ Aquino, Santo Tomás de (1225-74): Filósofo e teólogo cristão. Natural de Rocca Secca, perto de Aquino, na Itália meridional, Tomás foi educado primeiramente em Monte Cassino e depois na Universidade de Nápoles, antes de ingressar na Ordem Dominicana em 1244. Em seus trabalhos predominou a idéia de reconciliar os escritos de Aristóteles com os princípios da teologia cristã. Entre suas principais obras está a *Summa contra Gentiles* (1259-64) e a *Summa Theologica* (obra inacabada).

perseguições, judeus em massa procuraram voluntariamente o batismo cristão, dando origem aos “conversos”. Mesmo convertendo-se ao Cristianismo, a população judaica ainda continuou sendo perseguida e acusada de crimes execráveis: usura, profanações da hóstia, culto secreto ao Demônio, envenenamento das águas, assassinatos rituais²⁹, etc. Explodiu em toda a Europa uma onda de antijudaísmo: “o Judeu foi então uma das faces do Diabo” (DELUMEAU, 1989, p. 280). O próprio termo *sabat* – ou seu sinônimo, sinagoga, usado habitualmente nos documentos de língua francesa – provém, evidentemente desta perseguição anti-semita. Esta perseguição ao povo israelita estendeu-se até os fins da Idade Média, adentrando inclusive na Renascença Moderna. Ao seu lado, teremos o desenvolvimento de um outro fenômeno histórico: a **caça às Bruxas**, ou mais específico às mulheres, símbolo contraditório no imaginário medieval, tendo em vista que ocupou uma posição bastante ambígua nesse período.

Embora o feminino já se configurasse como um símbolo de fraqueza³⁰ e inferioridade no imaginário da Antigüidade, a demonização da mulher é posterior aos mitos de criação. A diabolização do feminino remonta a imagem de Medéia³¹, a feiticeira colquidense, que usou a magia como instrumento maléfico de vingança. A partir de Medéia, o feminino passou a ser identificado com o mundo subterrâneo, com as forças ocultas e com a magia negra, usada para fazer mal ao próximo e conseqüentemente associada à maldade. Medéia é considerada a mãe de todas as bruxas e elementos associados a ela: caldeirão, serpente, dragão transformaram-se em símbolos de malignidade e de feitiçaria. Com o advento do Cristianismo a Igreja medieval reproduziu os discursos da Antigüidade, não tardando a acusar às mulheres pelo vínculo ao demoníaco. A imagem da mulher (sobretudo da Eva pecadora) foi a partir de então, correlacionada ao Demônio, transformando-a, *par excellence*³² na maior representante deste aqui na terra. As mulheres passaram então a serem identificadas como perigosos agentes de Satanás; não apenas por homens da Igreja, mas igualmente por juízes leigos.

²⁹ O teatro religioso (*Mistério da Paixão* – Arnoul Grébran), as obras literárias (*Mercador de Veneza* – Shakespeare) e a iconografia da época demonstram este estreito laço do judeu ao Demônio.

³⁰ Foi Eva que caiu em tentação aceitando a provocação da serpente e comendo do fruto da árvore da vida (GÊNESIS, 3, v.4-6).

³¹ A personagem Medéia recriada por Eurípedes em sua tragédia homônima, pois a partir da criação desta personagem a magia passou a figurar no imaginário ocidental como símbolo de maldade, sinônimo de desejo reprimido, transformando a mulher em aliada do Demônio. A magia de Medéia antes usada para o bem se transformou em instrumento de vingança (cf. FARIA, Keila Maria de. *Medéia e melissa: representações do feminino no imaginário ateniense do século V a.C* - dissertação de mestrado, UFG – Goiânia). Medéia é considerada a precursora da magia negra, bruxaria.

³² Por excelência

Essa questão em torno do feminino tem uma longa história de contradição, a atitude masculina em relação ao segundo sexo sempre oscilou da atração à repulsão, da admiração à hostilidade (DELUMEAU, 1989, p. 310) alternando entre a promoção da mulher ou depreciando-a como instrumento maléfico.

A mulher, inicialmente representada como deusa da fecundidade, imagem de uma natureza inesgotável, sofreu ao longo do seu desenvolvimento histórico um revés, este mesmo feminino tornou-se fonte de um inexpugnável medo. Sobretudo no imaginário das sociedades patriarcais, a representação das mulheres expressou esta ambigüidade de relações, apresentando-as como portadoras de um poder benfazejo e terrífico, as mulheres são portadoras da vida, mas são também àquelas que anunciam a morte (BACHOFEN, 1987).

Dentro das sociedades cristãs, as mulheres continuaram a representar o mesmo papel ambíguo, sendo excluídas da vida político-social, pelo poder masculino. Destarte, vemos nestas sociedades o afloramento de um antifeminismo agudo, apoiado em concepções religiosas-teológicas, que procuraram expulsar o feminino para um segundo plano. Atitude esta contrária dos ensinamentos do próprio Jesus, que admitia o convívio com mulheres, chegando a tratá-las de igual para igual. Entretanto seus apóstolos, especialmente Paulo, encabeçaram o mesmo discurso ambíguo e misógino³³ em relação à presença feminina. As mulheres deveriam submeter-se ao seu marido (EFÉSIOS, 5, v. 22-24), porque “não foi o homem, que foi criado para a mulher, mas a mulher para o homem” (I CORÍNTIOS, 11, v. 9). Apoiados nestes escritos, os homens da Igreja promoveram ao longo dos séculos subseqüentes um profundo discurso misógino, sendo que para fugir a este estigma as mulheres deveriam optar pela “virgindade”. Há vários teólogos que abordaram a temática feminina durante o medievo³⁴. Desta forma, as mulheres – segundo estes pensadores – eram um macho deficiente, portanto, um ser débil marcado pela imbecilidade.

³³ Horror às mulheres, do grego *misogynia*.

³⁴ Para o teólogo Santo Agostinho, a sexualidade feminina é o pecado por excelência: foi pela mulher que o primeiro homem caiu sendo expulso do paraíso, trazendo a desgraça e o pecado para o mundo. Santo Tomás de Aquino, séculos depois retoma esta máxima, acrescentando que as mulheres são por natureza, mais carnis e imperfeitas que os homens. Utilizando-se da ciência aristotélica, traça para o homem um papel positivo na geração, ao passo que a mulher somente caberia a função de receptáculo³⁴ (Sobre a opinião de Aristóteles acerca da mulher confirma o artigo de SCHALCHER, Maria da Graça Ferreira. Consideração sobre o tema da mulher no pensamento de Aristóteles).

Assim, a Idade Média cristã, numa medida bastante ampla, somou, racionalizou e delineou um discurso misógino, recebido de tradições que herdara da Antigüidade. Encontrando-se nas mãos de clérigos celibatários que não podiam senão exaltar a virgindade e enfurecer-se contra a sexualidade, as mulheres passaram aos poucos de Mãe de Deus para as preferidas de Satanás. Entretanto, deve-se fazer um parêntese nestas considerações e acrescentar o desenvolvimento de uma idealização das mulheres neste mesmo período. Diante disto, observamos que a Cristandade viveu um dilema de auto-imagem e autodefinição em relação ao feminino durante o medievo. Se por um lado – os teólogos e homens em geral – haviam identificado as mulheres como a origem do pecado no mundo, e, por conseguinte uma fonte de idéias heréticas, por outro desenvolveram uma ampla idealização deste mesmo feminino, evidenciado na figura da Virgem Maria. Baseados na doutrina cristã de que a encarnação de Deus se fez possível pelo corpo de uma mulher, a ambivalência manifestou-se em valores crescentes, apresentando o feminino como fonte do mal, mas contraditoriamente associada também ao bem. Portanto, teremos durante toda a Idade Média duas representações do feminino: é através das noções de Eva Pecadora e Virgem Santa que as mulheres serão pensadas e analisadas nessa época.

Para DELUMEAU (1989, p. 318 – 319) esta questão reveste-se de um simplismo, uma vez que as mulheres tiveram somente uma breve promoção durante toda a Idade Média, e o surgimento do culto mariano, em contrapartida, provocou a desvalorização crescente da sexualidade da mulher. Para o autor supracitado a promoção feminina medieval estava ligada a personagens excepcionais como a Virgem Maria, não abarcando as mulheres comuns.

Em contrapartida a esta opinião, a historiadora E. Ann. Matter (1992), em seu artigo intitulado *Violência Eclesiástica: Bruxas e Mulheres*, sublinha a história do monaquismo feminino medieval. Não se utilizando de Jean Delumeau, chega as mesmas conclusões deste acerca da ambigüidade cristã frente ao feminino. Contudo, acrescenta-nos uma maior desenvoltura das mulheres na Idade Média, de acordo com a autora supracitada o fenômeno do monaquismo feminino medieval não conseguiu, como pretendia os homens da Igreja, enclausurar os corpos e almas das mulheres³⁵.

³⁵ Assim, mesmo no convento, algumas mulheres conseguiram um amplo destaque na expressão criativa, chegando a superar os homens em matéria intelectual e espiritual. “As religiosas desse período eram famosas por seus escritos visionários e místicos, pelo aconselhamento espiritual e pelas biografias

Portanto, se as mulheres tiveram ou não um papel de destaque dentro da sociedade cristã medieval, isto ficará para posteriores análises. O que nos interessa neste momento é a progressiva demonização do feminino dentro da Europa Cristã e a representação da mulher como um dos agentes precípuos do Demônio, juntamente com os demais agentes: muçulmanos, judeus e hereges. O crescente papel desempenhado pelas Ordens Mendicantes a partir do século XIII, conduziu a passos largos à vinculação das mulheres ao Demônio. Junto a estas pregações itinerantes, tivemos ainda o crescente papel da imprensa mecânica, que teve por “mérito” ampliar o coro clerical que cantava as mulheres como símbolo do diabólico. É desta infeliz convergência de estereótipos que teremos no final da Idade Média o fenômeno da caça às Bruxas, ou seja, a perseguição às mulheres supostamente associadas a Satanás. Todavia, o fenômeno da caça as bruxas não será possível explorar neste artigo, em função da exigüidade espacial deste, ficando aberto para um debate posterior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES IMPRESSAS

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. Tradução de Fábio M. Alberti. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 2003. 430 p

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Ave Maria, 1991.

EYMERICH, Nicolau; PEÑA, Francisco de La. *Manual dos Inquisidores – Directorium Inquisitorum*. Tradução de Maria José Lopes da Silva. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Brasília, DF: Fundação Universidade de Brasília, 1993.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *O Martelo das Feiticeiras – Malleus Maleficarum*. Tradução de Paulo Fróes. 14ª ed. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2000.

religiosas” (MATTER, 1992, s/p). A autora cita no decorrer de seu estudo, exemplos de mulheres que devido a esse dom espiritual e intelectual emergiram nesta sociedade misógina, como é o exemplo de Lúcia Brocadelli de Narni (conselheira do duque de Ferrara); Joana d’Arc, Hildegarda de Bingen, Elisabeth Schönau e Catarina de Sena. Neste artigo, E. Ann Matter delinea a história de cada uma destas figuras, traçando o papel desempenhado por elas dentro de uma Cristandade extremamente misógina.

REFERÊNCIAS

- BACHOFEN, J.J. *O matriarcado – uma investigação sobre la ginecrocaciaen el mundo antiguo según la naturaleza religiosa y jurídica*. Madrid: AKAL, 1987.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300 – 1800, uma cidade sitiada*. Tradução de Maria Lucia Machado, tradução das notas de Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ELIADE, Mircea. Algumas observações sobre a Bruxaria Européia. In: *Ocultismo, Bruxaria e Correntes Culturais: Ensaio em Religiões comparadas*. Tradução de Noeme da Piedade Lima Kingl. Belo Horizonte: Interlivros, 1979. p. 79 – 104.
- FALBEL, Nachman. *Heresias Medievais*. Khronos 9. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- FARIA, Keila Maria de. *Medéia e melissa: representações do feminino no imaginário ateniense do século V a.C* - dissertação de mestrado, UFG – Goiânia, 2007.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: Nascimento do Ocidente*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- GILSON, Etienne. A Filosofia no século XIV. In: *A Filosofia na Idade Média*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 735 – 894.
- GINZBURG, Carlo. *História Noturna: decifrando o Sabá*. Tradução de Nilson Moulin Lousada. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. 406 p.
- HESÍODO. *Teogonia*. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- MATTER, E. Ann. Violência Eclesiástica: Bruxas e Hereges. In: *Concilium* 252 (1994/2). p.120 – 129.
- NOGUEIRA, Carlos R. Figueiredo. *Bruxaria e História – As práticas mágicas no Ocidente Cristão*. São Paulo: Ática, 1991. Ensaio 131.
- _____. *O Diabo no Imaginário Cristão*. São Paulo: Ática, Série Princípios, 1986.
- POWER, Eileen. *Mujeres Medievales*. Traducción de Carlos Graves. 4ª reimpressão. Madrid: Encuentro, 1979. 128 p.
- RIBEIRO JUNIOR, João. *O que é Magia*. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1982.
- RUSSEL, Jeffrey Burton. *História da Feitiçaria: feitiçeiros, hereges e pagãos*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Campus, 1993. 179 p.
- SAGAN, Carl. *O Mundo Assombrado pelos Demônios: A Ciência vista como uma vela no escuro*. Tradução de Rosaura Eichemberg. 9ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SALLMANN, Jean-Michel. *As Bruxas: Noivas de Satã*. 1ª ed. Tradução de Ana Luiza Dantas Borges. Rio de Janeiro: Objetiva, Coleção Descobertas, 2002. 192 p.
- SCHALCHER, Maria da Graça Ferreira. Consideração sobre o tema da mulher no pensamento de Aristóteles. *Phoênix*. Rio de Janeiro, V. 4, p.331—344, 1998.
- SOUZA, José Antônio de C. R. de. O Catarismo: movimento religioso heterodoxo popular urbano. In: *Fragmentos de Cultura*. V. 11. n. 3. maio / jun. 2001. IFITEG / SGC / UCG. p. 339 – 354.
- SOUZA, Laura de Mello e. *A Feitiçaria na Europa Moderna*. São Paulo: Ática, Série Princípios, 1987.